

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 16 DE JULHO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 433

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	V. MAGALHÃES.
Plágios e plagiários.....	F. D'ALMEIDA.
O batho thermal, poesia.....	L. DE MENDONÇA.
«Versos e Versões».....	J. DE ARAUJO.
A' vista da patria, soneto.....	Y.
Notas bibliographicas.....	J. RIBEIRO.
Notas philologicas.....	R. AZAMOR.
Lendo a «Lyrico», soneto.....	A. AZEVEDO
As estatuas, soneto auto- graphico.....	P. TALMA.
Theatros.....	A. PALHETA
Bellas Artes.....	A.
Jornaes e Revistas.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	B. LA RECLAME.
Escotos e Noticias.....	
Que Hotel.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAIS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Aos nossos assignantes em debito rogamos a fineza de mandar saldar as suas assignaturas e aos que estão quitos o obsequio de as reformar pelo semestre que ora começa.

Desde 4 do corrente meza a redacção, gerencia e officinas d'«A Semana» acabam-se installadas na rua do Ouvidor n. 45, sobrado.

Partio no dia 12 do corrente a percorrer a provincia do Rio de Janeiro, em serviço d'«A Semana», o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tam todos os poderes para representar-nos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

Foi exonerado de cargo de agente d'esta folha, em viagem pela provincia do Rio de Janeiro, o Sr. Joaquim Rodrigues Pinto filho, actualmente em Campos.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'«A Semana».

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

PLAGIOS E PLAGIARIOS

IV (*)

(Conclusão)

E' espantoso o poder de expressão d'este poeta. Todos os movimentos, todos os sons, todos os aspectos, todos os sentimentos humanos, elle os traduz admiravel e exactamente, por meio de imprevisas combinações de palavras, — aliás simples e conhecidas, mas que são insubstituíveis, porque são as proprias, as unicas a empregar; por meio do rythmo, que elle varia e modifica com extrema facilidade, fazendo-o ora mais lento, ora mais rapido; por meio dos metros, que elle maneja e florstaia com rara habilidade e absoluta méstria, escolhendo-os e adaptando-os aos seus assumptos com inimitavel pericia; por meio da antithese, da reduplicação, da polyptoton, da anadiplosis, da synonymia e, enfim, de todas as figuras, de nomes mais ou menos arvevesados, conhecidas e desconhecidas em rhetorica e poetica; por

(*) Vide Semana, ns. 126, 127, 128, e 132.

meio de jogos incriveis de palavras e locuções; jogos complicados, mas apparentemente simples e de effeitos seguros de que, aliás, só elle tem o segredo, porque em sua grande maioria por elle foram inventados.

Tudo pôde o seu verso. E' omnipotente e perfeito. Nelle se reúnem, para cantar e servir á Natureza e ao Homem,

« Pincel, lapis, buril, cinzel e penna. »

As proprias sensações, as mais delicadas e rebeldes á expressão, elle molas dá, nitidas, vivazes, photographadas instataneamente (se assim se pode dizer) em uma singela estrophe, em um só verso, simplicis se admiravel.

Quem ler estes:

« Do labio a polpa a abrir, mais humida e vivaz

« Que a polpa sume: enta e rija do ananaz,

acredita estar vendo e palpando a casca do ananaz. O effeito pinturesco é completo; e é conseguido, no emtanto, com a maior singeleza, com tres ou quatro adjectivos — mas os unicos capazes de produzi-lo. A queutura tropical da fructa ali está, (no vivaz); ali estão a humidade, o saboroso sumo e a dureza aspera tamhem (humida, sumarenta, rija) Quem ha que, lendo isto:

« O vento que desflora

« A toalha frissima dos lagos,

não sinta como um arrepio, a penetrante sensação da friez? E este effeito é alcançado apenas pela sabia escolha e collocação do superlativo de frio no meio do verso, de modo que o leitor parece tiritar ali: *frissima* (frrr... itii..., sss...).

Um dia o poeta promettera á sua amante que iria vel-a. Mas chova, chove, chove, e elle não pôde sair... Procura por todos os meios illudir os fastios da espera... Impossivel: a chuva augmenta! A chuva, que cae lá fórs, a impaciencia horrivel que o mortifica, cá dentro, são descriptas com traços breves e firmes, admiraveis de verdade:

« Dize-me que voltasse,

« E eu prometti, dizendo-lhe: — Até logo,

« Mas chove assim! Como attendêr-lhe ao rogo?

« Como voltar, sem que esta chuva passe?

« Cá dentro tanto fogo!

« E agua tanta lá fórs!.. Se tu fumasse?..

E fuma, chove... Se eu jogasse? E joga,

Chove mais... Se eu beber? Chove... Ora dá-se!..

« E sonho-a: abre-me a porta;

« Labios parte num riso; olhos requêbra;

« Pende em meus hombros, scimatica e absorta...

« Tomo-lhe a mão e afago-a...

« Oh! quem as graças via, sacode e quebra

« D'estas, que me detêm, cadeias d'agua?!

A gente depós o livro para bater as palmas, inseusivelmente, com um gos-

tosn sorriso nos olhos e nos labios... Não conheço mulhor do que isso nem no primoroso Heine, nem no delicado Campoamor, nem no grego Banville, nem no divino Musset.

Os tercetos da *Luizinha* offerecem exemplos aos puuhados.

Qual pincel, embora de mostris, Jaria este quadro que, além da cor, tem o movimento e o som? — este quadro que o poeta, a um tempo, pitou, esculpio e cantou nestas tercetos:

« Eu vejo-a nos jardins ás cezas, ora

« Brincando, ora fugindo, ora correndo

« Por aleas, cheias de festões, afóra...

« Vejo-a e ouço uma dryade estar rendo,

« Por entre os claros de uma selva basta

« Aparecendo e desaparecendo...

Tem séde, por ventura, o leitor?

Aqui lhe dou um copo d'agua:

« E é cada beijo seu para os sedentos

« Como um limpido cipo de agua fresca. »

Vê-se, positivamente vê-se, um copo, de claro crystal (limpido) transbordando agua pura, desalterante, lucida (fresca.)

E com que encantadora simpleza elle consegue tão difficeis, tão altos e tão profundos effeitos!

Parece que outro qualquer faria outro tanto!

Quor agora o leitor ver um berço pendente dos ramos, baluçando, baluçando a) aopro da aragem?

Pois aqui o tem; é o *Tumulo aereo* (pag. 89):

« Das arvores suspenso e entre as ramagens

« O morto infante jaz; frouza, macia

« E mollemente, embalam-no as aragens:

« E, em branda oscillação, suave e doce,

« Seu tumulo ali fica, noite e dia,

« E baloupar, como se um berço fosse...

Até onde iria eu se quizesse demonstrar com exemplos o que affirmo? Não terminaria o estudo nesta *Semana* (com e sem grypho).

Creio que ficou bem, ou, ao menos, bastantemente provado que Raymundo Corrêa, alem da faculdade preciosa de comprehender a Natureza e de sentir-lhe todas as bellezas e todas as grandezas, e de comprehender o Homem e de sentir-lhe todos os sentimentos, altos e baixos, sublimes e torpes, pnsse o rarissimo poder de tradnzir fielmente todas aquellas bellezas e grandezas e todos esses sentimentos; além de sentir em sua alma a alma das cousas e a dos homens, elle pôde transmitir-lhe a alma dos seus leitores. Sente tudo, e, querendo-o, tudo faz sentir: — as florescencias gloriosas da Primavera e as ulceras nojentas e a infinita miseria de Job — esse pantsno humano, esse mog-

turo vivo»; a belleza hellena de Aspasia, núu, a espreguiçar-se à beira d'agua, «num espreguiçamento e num bocejo estranho», e o delicado e tristíssimo tomor dos infelizes, quo da propria ventura se arreceitun,

« Pois, por um só prazer, mesquinho e raro,
« A desventura cobra-se tão caro,
« Que dos tristes o menor prazer assustá.

a « alma candida e travessa » da Luizinha, em que « ardem soes e festas » e a medonha tragedia burgueza e trivial do *Enterrado Vivo*, poesia que elle creou, fez, inventou, apezar de havel-a traduzido, porque traduzir assim não é traduzir: é fazer obra propria, original e nova.

Raymundo Corrêa, portanto, satisfaz a definição que da arte e do artista Tuine apresenta, pois, não só comprehendendo e apprehende o *caracter essencial*, ou mais importante, das cousas que lhe são assumptos, como consegue — de dominante que era, em si, no seu estado *passivo*, fazel-o — *dominador*, no seu estado de *agente*, sobre os leitores.

É, consequentemente, e com todas as honras, — um artista; quer dizer; um creador.

E ha, por ventura, creador *plagiario*? Mas não é tudo. A forma de Raymundo Corrêa é unicamente, exclusivamente, e innegavelmente, — de Raymundo Corrêa.

Este esculptor sublime não se limitou a crear divinas Venuas e divinos Apollos, imitando as imprescriptivis regraes da estatuaría grega: fez Apollos de Belvédere e Venus de Milo mas por uma esthetica sua, d'elle somente. E nisto, principalmente nisto, é que a sua immensa originalidade se alteia e impõe.

Leiam-se as *Symphonias*, leiam-se os *Versos e Versões*. Com que poeta se parece este? onde foi elle aprender, em que artista — brasileiro, portuguez ou francez — a fazer tantas e taes obras primas de colorido, de harmonia, de graça, de encanto, de correção e de sentimento?

Quem poderia dar-lhe os moldes em que foi vasada essa assombrosa poesia *Versos a um artista*?

Quem poderia emprestar-lhe os burris e os cinzeis com que foram esculpidas e trabalhadas essas warmoreas estrophes immorredouras?

Com toda a razão disse o *Diario Mercantil*, de S. Paulo — a mais litteraria de todas as folhas quotidianas do Brazil —, annotando o primeiro d'estes artigos, que « Raymundo Corrêa veio trazer à moderna poesia brasileira uma nova forma, brilhante e original. »

A verdade d'este asserto pôde ser reconhecida, com attenta observação, na profunda influencia exercida pela sua forma sobre a dos nossos mais novos poetas; influencia de que se não eximiram inteiramente nem mesmo os mais distinctos, e que foi reconhecida pelo valente e radioso critico Lucio de Mendonça, algures, quando affirmou que Raymundo Corrêa e Luiz Delfino são os poetas que mais têm influenciado a nossa moderna poesia.

E ainda, com abundante criterio, acrescentou a supreferida folha: « Ah! se fossemos a coutar tambem os poetas modernos que imitaram o auctor d'As Pombas! E Raymundo não se queixa d'isso! »

E' verdade, muitos ha que com Raymundo aprenderam, mas aprenderam mal, a ser graciosos, sim-

ples. correctos, a dispro artisticamente os consoantes agudos e graves, a não repetir rimas na mesma composição, a variar a cesura dos decasyllabos, a usar de certos delicados jogos de palavras, proprios de Raymundo, como a repetição, alternada ou singela, a aatilhesse, ou *enjambement* etc.

Confessarão elles, no entanto, que aprenderam e o que aprenderam com o nosso grande poeta? Duvido...

Não, Raymundo Corrêa não é plagiario, como plagiario não foi Elmano, apezar dos alaridos accusatorios de Melizeu.

Quem tem n'alma poesia bastante para cantar, ineffavel e duradouramente, as bellezas e encantos da Natureza e todos os mysterios e todas as forças, todos os caprichos do coração humano, e mais para comprehender, personalisar, *originalisar* a poesia de poetas estranhos, traduzindo-os, imitando-os ou paraphraseando-os de modo a se lhes egualar, senão a excedel-os; quem tem uma *forma* propriamente sua e tal que não deve pedir meças á de nenhum outro artista do verso, — chame-se elle Victor Hugo ou Leconte de Lisle, Sully-Prudhomme, ou Banville — quem tão plagiado tem sido, não, não pode ser plagiario: — « é um dos nossos poetas (dos nossos e d'este seculo) mais originaes, de individualidade mais independente e caracteristica. »

Que importam baldões e pedras contra a gloria de bronze e ouro d'este poeta « inspirado, correcto, alto e fecundo » (1) ...? Que importam se, quando d'esses trovejadores de baléllas, Stentores de frioleiras, já nem mais ossos nem memoria houver, a superna magia dos versos de Raymundo Corrêa ha de subjugar, prendendo-a em cadeias de pasmo e encanto, a Posteridade, e se cada um d'esses versos ha de bradar-lhe, a ella, com a sua musica de inalteravel melodia: *Honorate l'altissimo poeta* !...

Um voto, para acabar :

Que o bom Deus das Litteraturas haja por bem, na sua infinita bondade de edictor irresponsavel, presentear o nosso Brazil com outros muitos *plagiarios* como Raymundo Corrêa.

VALENTIM MAGALHÃES.

O BANHO THERMAL

Ella contempla as aguas
Virtuosas e impuras,
Com que tu, Medicina, os males curas,
Dóres cortando, suavizando maguas...

(Porque o espirito enfermo
Fica, sempre que o nosso corpo ilica
Enfermo, e a dor moral se multiplica
E difunde, sem termo:)

Palpa as aguas; parece
Que a mão nervosa é fria
Aquece, enquanto o corpo se arrefece
E a tremer todo, ao ar, se lhe arrepia.

(1) Soneto de Arthur Azevedo a R. Corrêa, recitado no hotel do *Globo*, a 1 do corrente. Vide *A Semana* n. 132, secção *Faetos e Noticias*.

Quêda e clara, a piscina,
Cheia do argenteo fluido sulphureo,
Offrece o prazer calmo e voluptuoso
De um leito quente que a friez domina.

Vejo-a: levanta o breve,
O delicado pé, branco e gelado,
Mas tão breve, tão branco e delicado,
Tão gulante e tão leve,

Que a gente, num arranque
Vê, da imaginação doída e ligeira,
Um passarinho branco a vez primeira
Que vai beber a um tanque!

Mergulha o pé, mergulha
A perna, o corpo niveo
Todo mergulha, e logo um doce allivio
Sente na agua que fuma e que bobulha.

Agora um calor brando
O frio lhe minóra;
Agora sente a agua escaldante; agora
Eil-a a arder, offegando...

Arde-lhe intensamente
O sangue; é de calor este arrepio.
Muito calor succede ao muito frio,
Nas thermas, de repente.

O aljofre da agua tece-lhe grinaldas,
Que se esfolham no solo;
Collar de espuma enrosca-se-lhe ao collo
Sobre as brancas espaldas.

Salta d'agua, e se espalha
Em torno d'ella, em chuvia, a agua cahindo
Como diamantes, pelo corpo lindo,
Que ella envolve na toalha.

E de pureza tanta
Haver tocado e visto, inda orgulbosa,
Ficou essa agua sancta e virtuosa
Mais virtuosa e mais sancta!

Rio, 29 de Junho, de 87.

FILINTO D'ALMEIDA.

« VERSOS E VERSÕES »

DE

RAYMUNDO CORRÊA

A impressão que deixa a leitura d'este livro é um tanto confusa, porque é vária e complexa. Tem-se por muito tempo a alma vibrante dos peregrinos sons que a agitaram, já suavísimos, já singulares e lugubres; sente-se uma vaga ebridade de philtro delicioso, mas com travos amargos, e fica-se a cogitar, meio tímido, que acre pegonha verteria o feiticero no nectar que nos trouxe aos labios a sua taça de ouro cinzelado; mas para logo destaca-se uma nitida certeza: que se acabou de ler um livro finíssimo, de um profundo e luminoso poeta.

São setenta e sete poesias, e de todas não ha uma só que seja, sequer, mediocre: ha, sim, aqui e acolá, um ou outro, rarissimo, verso fraco; mas não tem o livro todo uma unica peça que não traga o cunho do apaixonado artista que o fabricou, apuradamente, com alma sempre accesa, com desvelo e mimo, e, não raro, com fulgurações de genio.

O tom geral do livro é triste, ora d'uma doce melancolia pacifica e contemplativa como a de um convalescente, ora de uma amargura negra,

reçumo de experiencia desenganada, de analyses aspera e fria; mas seja qual for a noite e o fel que lhe encham o coração, o poeta vive no meio da nossa natureza magnifica, e a vé e ouve e respira como verdadeiro poeta que é, e por isso na sua estrophe polida e reluzente reflectem-se a cada instante as louçanias e os esplendores da patria. Raymundo Corrêa tem amado muito e meditado ainda mais; tanto monta observar que tem immensamente soffrido; mas, ao dizer a sua mágua e a sua idéa, a irradiação da palavra privilegiada revela a natureza ambiente.

Pelo marmoreo corte da forma, pelas scintillações das rijas arestas do verso, é um adorador do divino Gautier e do esculptural Leconte de Lisle; pela suavidade rythmica do metro ondulado e mellifluo, lembra Musset e Méry; na subtil analyse psychologica, intima e fina bastante para attingir o mais melindroso e recatado recesso da alma, é digno de citar-se de par com Sully-Prudhomme; finalmente, o inaperado, o vivo, o flagrante pictoresco de sua palleto impressionista dá-lhe, a cada passo, o surprehendente naturalismo do Richepin das *Caricias*. Com esses supremos mestres aprendeu muito de certo, o nosso poeta; mas, muito mais do que em todos elles, mergulhou no proprio coração, abysmo sonoro e estrellado, donde nos atira, a mãos cheias, os lampejos e as musicas do seu estro.

Não conheço, na poesia da nossa lingua, nenhum livro mais rico do que este.

Para dar d'elle extensa noticia, sinto o natural acanbamento do simples amator ao ter de falar de uma superior obra d'arte. A impressão geral, que mal posso deixar esboçada, é de reverente e fervorosa admiração. Creio convictamente que, com este livro na mão, podemos affirmar, desassombrados, que possuímos, nesta nação semi-barbara, um poeta digno de ser conhecido entre os mais notaveis da poesia contemporanea.

Podesse eu passar agora ao deleitoso encanto, para o qual infelizmente me fallecem forças e tempo, de acompanhar o poeta, passo a passo, por toda a extensão do seu livro formosissimo. Outros, mais afortunados, farão estudo completo; eu me limitarei a traduzir para aqui as rapidas notas que, á primeira leitura, lancei á margem de algumas d'aquellas preciosas paginas.

Antes de ir folheando o volume, digamos já que uma das suas mais brilhantes qualidades, no ponto de vista da forma, é a artistica variedade de metrificacão, com que o poeta combate e vence a monotonia, quasi insuperavel, na leitura a seguir de uma extensa colleção de versos.

E, além de vária, que primorosa metrificacão! Haverá, para ouvidos exigentes, algum rarissimo verso duro; errado, nenhum. O verso predilecto de Raymundo Corrêa é o decasyllabo; e por esta preferencia, de muito bom gosto, só merece felicitações. Cultiva tambem com esmero, e com feliz parcimonia, o alexandrino; mas, como o eterno mestre dae *Contemplações*, insurgiu-se contra as passas obrigatorias, e pôde, como elle, dizer:

J'ai disloqué ce grand niais d'alexandria.

Isto, que pelos leitores e versificado-

res carrangas se condemna como horrosa infracção da Poetica, pôde ser, como é em Raymundo Corrêa, um bello recurso para dar nova energia e graça e movimento ao pesado metro.

..... le vers, qui sur son front
Jadis portait toujours douze plumes en rond,
Et sans cesse sautait sur la double raquette
Qu'on nomme prosodie et qu'on nomme étiquette,
Rompit désormais la règle et trompe le ciseau,
Et s'échappe, volant qui se change en oiseau,
De la cage césure, et fuit vers la ravine,
Et vole dans les cleux, alouette divine (1).

Como consciencioso artista que é, o auctor dos *Versos e Versões* possui plenamente o seu processo; tem fórma propria, obediente e submissa, que elle curva e escravisa a todos os caprichos da nervosa phantasia; e é de ver-se o modo gentil, a airosa e dir-se-hia que espontanea naturalidade com que o seu verso dança, estaca, revolteia, marcha como um soldado, voa como uma ave, resvala como uma sylphide, ao tranquillo mando do mestre feiticeiro.

Ha, porém, entre os muitos artificios do seu estylo, um que, por excessivo emprego, se torna para logo conhecido, e assim vae n perder a seductora graça dos primeiros encontros: é o effeito artistico da repetição, singola ou alternada, dos mesmos vocabulos ou de termos assonantes. Eis, para exemplos, alguns dentre numerosos casos:

E, tuistonho, quem vir passar teu pobre enterro,
Dirá: — Que enterro pobre!

E cada pá de terra, a detonar, retumba
Da tumba sobre a tampa...

Como a Jersey do exílio, ilha, em catervas

— Feliz especie de infelizes

Que maguas
Profundas, longas, a chorar mistura
Ao longo choro das profundas aguas!

E, pelas negras contas do rosario,
O rosario das lagrimas desliza;

A face, e aioura-lhe a infantil cabeça.

Belleza ingenua! Ingenuidade bella!

Nos deliciosos tercetos á Luizinha, dos quaes colhemos os dous ultimos exemplos, ha verdadeiro abuso d'este recurso.

Mas ainda aqui se reconhece a mão do artista na habilidade com que varia o mesmo effeito, de sorte que o torna quasi novo. Além das modalidades que já se notam nos casos apontados, ha outra, mui graciosa, nestas duas passagens:

Nos versos a um artista:

Pinta-a. Esse ignobil, rustico tamanco
Tira-lhe ao branco pé; e por seu turno,
Calça-lhe o pé tão branco
(Mais digno de um cothurno) de um cothurno.

Nos tercetos á Luizinha:

Orna-a dos risos a infantil corôa,
E fulge, mais do que uma de brilhantes,
Essa de risos, de que a edade ornou-a.

(1) V. Hugo, *Contemplations, Réponse à un acte d'accusation.*

Embaraçoso é eleger alguns entre tantos primores; mas, celenlo ao uso em noticias d'este genero, atrevo-me a preferir, no deslumbrante escriptorio, estas joias: *Desdens, Carulei oculi, Chuva e sol, Um trecho de H. Heine, A lyra de Orpheu, Na tasca, Flauta do Outono, O filho de Cleopatra, Elmani tabernula, Renascimento, os tercetos, principalmente, do soneto A Luiz Delfino, O trabalho do diabo, Versos á memoria de Arthur Barreiros, Mater, A panthera negra, e, sobre todas, a Aria nocturna, soneto que ninguem lê sem o decorar logo, a originalissima Noite de chuva, phantasia que merecéra traduzir-se em todas as linguas, a magistral e profunda poesia Job, onde ha esta estrophe:*

São os consolos futeis
Da turba que o rodeia, e as palavras fingidas,
Mai, baixas, mais inuteis
Do que a lingua dos cães, que lambem-lhe as feridas;

os maravilhosos *Versos a um artista*, o pesadelo rimado que se intitula *O enterado vivo*, as quadras, dignas de Baudelaire — *Lólo e estrelas*, e os já celebres tercetos á *Luizinha*, — as mais claras e ridentes paginas do livro, obra-prima de cor e de harmonia, ramo fresquisimo, emperolado de rocio matutino, ofuscante e odorifero, da cheirosa neve dos jasmims e das magnolias.

Mas, por Apollo! quantas poesias deverá ainda citar! O *Temor*, que remata com tão delicada e melancolica observação; os garridos versos trasladados de Richepin, nos quaes apenas me desagrada o escusado vocabulo francez que ali se intromette, como outro nos versos sem titulo que começam — «De certo eu poderia». — versos esses, digamos lá, menos vivos do que o pedia o genero, á Richepin, e cuja concepção, um tanto diluida, encontra-se quasi completa na primeira e na ultima estrophe, as unicas, por isso, que estão á grande altura do livro (2); o *Camello e o corcunda*, um *tour-de-force* de metrificação; a *Paizagem polar*; *Mugitusque boum*; o *Tumulo aereo*; o adoravel madrigal *Na ponta de uma flecha*; o *Misanthropo*; *Estuai infeliz*; o bellissimo soneto a *Victor Hugo*; a encantadora versão *ultima abelha*; os versos *Sobre a morte de Hugo Leal*, que são dos mais bellos do livro, mas em cuja ultima estrophe ha uma rima censuravel — *sorriso*, que pela graphia e pela prosodia, para rimar com *vasio*, parece ser de pessoa grammatical e tempo differente da pessoa e tempo a que realmente pertence, segundo a syntaxe; as magestosas sextilhas, traduzidas de Victor Hugo, «O dia acorda!»...

Mas, afinal, não posso apontar, como melhores, todas as poesias do volume, e foi quasi o que fiz, tão difficil é a selecção quando quasi tudo é optimo.

E quem, como eu, conhece que o poeta que produziu tanta maravilha é, além de tudo, um excellente rapaz, sisudo, leal, affectuoso, honestissimo, extremamente modesto, tão modesto que parece até que vive a esforçar-se por que os outros o desculpem de ter tão grande talento, — quem assim o conhece não sabe como o ha de estimar e admirar bastante.

Mas não precisa nenhuma consideração pessoal para Raymundo Corrêa,

(2) Na penultima estrophe d'estes versos encontra-se a unica incorrecção typographica importante que ha no volume: *churas por chufas*.

depois dos *Versos e Versões*, ser proclamado grande, ottimo poeta.

O que é necessario agora é que a nossa imprensa e o nosso escasso publico letrado, para lhe prestarem as altas homenagens que merece, não se ponham á espera que elle morra!

Pela pequenina parte que me compete, cá, do meu canto humille, apresento em continencia a Raymundo Corrêa a minha pobre penna, arina ingloria de soldado raso, mas que já conta alguns annos de campanha; e o meu juizo a seu respeito formula-se como o dáquelle sargento Radoub do *Noventa e tres*:

— Voto que seja general!

Valença, 2 de Julho de 1887.

LUCIO DE MENDONÇA.

A' VISTA DA PATRIA

(DO POEMETO INEDITO «LUIZ DE CAMÕES»)

Avistava-se a terra, anciosamente
Sinhada no mar largo e no rigor
Do fulco exílio marcial do Oriente,
Entre longos prodigios de valor.

Avistava-se a terra, e doidamente
Ouvia-se um canto de amor...
A marinagem sobe aos mastros, sente
Chegado o fim da inenarravel dor.

Mas n'esse instante — o magua indefinível! —
Ouve-se um grito intimo, terrível,
E Heitor cae morto em grandes convulsões...

— Morto! na flor das illusões mais bellas!
E as lagrimas rolavam como estrellas
Nas faces enrugadas de Camões...

Maio, 87, Porto

JOAQUIM DE ARAUJO.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Estão destruidos o 3º e o 4º fasciculos das *Farpas*, edição definitiva, largamente ampliada; que, quando completa, será um dos maiores titulos do corajoso e intelligente edictor David Corazzi á beneemerencia litteraria dos que têm a lingua de Camões.

Temos a accusar o recebimento do 2º fasciculo d'*O Guarany*, grande edição illustrada, emprehendida pelos Srs. Pedro da Silveira e Ernesto Guimarães. Acompanhando-o vem uma boa gravura de pagina, desenho de Treidler, xylographia de Alfredo Pinheiro.

Com este fasciculo termina o bello prefacio de Machado de Assis e enceta-se a impressão do primeiro capitulo do romance.

Não resistimos ao desejo de transcrever o engenhoso e elegante final do trabalho de Machado de Assis:

«A posteridade dará a este livro o logar que definitivamente lhe compete. Nem todos chegam intactos aos olhos d'ella; casos ha, em que um só resume tudo o que o escriptor deixou ueste mundo.

«Manon Lescaut, por exemplo, é a immortal novella d'aquelle padre que es-

creveu tantas outras, agora esquecidas. O autor de *Tracoma* e do *Guarany* pôde esperar confialo. Ha aqui mesmo um inconsciente allegoria. Quando o Parahyba ataga tulo Pery, para salvar Cecilia, arranca uma plumsira, a poder de grandes esforços. Ninguem ainda esqueceu essa pagina magnifica. A palmeira tomba, Cecilia é depositada n'ella, Pery murmura ao ouvido da uoça: *Tu viverás*, e vá ambos por ahí abaixo, entre agua e céu, até que se somem no horizonte. Cecilia é a alma do grande escriptor; a arvore é a patria que a leva na torrente dos tempos. *Tu viverás!*»

Da acreditada *Livraria Moderna*, que são proprietarios-edictores Alcino Aranha & C., do Porto, recebemos os dois primeiros folhetos da *Galeria Autobiographica illustrada* que, sob o titulo geral *Portuguezes e Brasileiros*, encetaram ha pouco aquolles edictores.

Occupam-se com João do Deus e Theophilho Brazá. Os retratos, em phototypia, são excellentes, e vêm acompanhados por uma pagina de reprodução autographica e *fac-simile* de cada escriptor.

Os artigos biographicos são devidos á penna do Sr. Reis Damaso, que os traçou com elegancia na phrse, criterio e despreoccupação no juizo e muito conhecimento da vida e obrns dos seus biographiados.

Recommendamos como excellento no genero — tão usado e presado em França — estas biographias dos portuguezes e brasileiros mais notaveis do nosso tempo, fazendo votos para que o util e bello emprehendimento dos Srs. Alcino Aranha & C. encontrem no publico a acceitação que merece.

V.

NOTAS PHILOLOGICAS

O que é morphologia?
Eis ahí um conceito difficil e obscuro, a julgar por inferencia do que têm escripto os fautores da nova disciplina philologica. Fala-se em *estrutura*, em *fórma*; mas o que é a estrutura? o que é a forma? Porque se não consideram os sons e as letras como elementos estruturados do vocabulo?

Não é ociosa a pesquisa; um illustrado philologo, ainda ha pouco, incluiu a phonologia na morphologia, indubitavelmente levado pelo amor da logica a considerar os sons como partes da estrutura vocabular. Houve nisto coherencia legitima, embora absurda.

De tudo isto é responsavel a legião de glottologos que dão *á forma* um conceito erroneo e disparatado, quando não vago, metaphysico e incomprehensivel.

Possa a minha tinta preta, que ora espediço por estas paginas, esclarecer e pôr em relevo o que muitos sabios, por muito alto andarem, têm deixado ás escuras.

Quando estudamos os sons e as letras, pouco nos importa a função ou idea do vocabulo. A analyse é pura-

mente anatómica: o glottologo opera sobre elementos materiaes, mortos, isto é, sem sentido que lhos corresponda.

D'esta arto. a phonologia lexica póde o deve ser definida:

O estudo dos elementos materiaes, não significantes (sons e lottras) que constituem o vocabulo.

A analyse morphologica é muito diversa e muito complexa. Os elementos phonicos nada significam: são puros sons, de que mnis tarde a intenção humana tirou proveito, como já o tinha tirado dos gestos etc.

Os elementos morphicos, muito diversamente, são órgãos, isto é, exercem uma função, representam uma idéa. Assim, no vocabulo *predizta*, os elementos phonicos são tantos quantos são as letras ou as syllabas. No mesmo vocabulo ha no emtanto, apenas tres elementos morphicos: *pre-diz-ia*. Cada um destes tem uma função, representa uma idéa, principal ou accessoria.

Assim, a morphologia deve ser definida:

O estudo do vocabulo considerado como um composto de elementos significantes ou órgãos.

Tudo isto é claro, accetavel, verdadeiro e pouco revolucionario.

A distincção necessaria consiste em estabelecer a divergencia entre o elemento phonico, que é inconceptual, não tem sentido, e o elemento morphico, que é essencialmente conceptual e representa uma idéa. Tais são as letras, os sons, as syllabas para o primeiro caso; os elementos de composição, as raizes, os themas, os suffixos e os prefixos, as flexões para o segundo caso.

E que Deus padre me dê paciencia para ouvir a toda hora, a proposito de morphologia, os embasbacantes termos de *estructura* e outros, que fazem a delicia dos mestres e o eterno desespero dos que aprendem. (*)

JOÃO RIBEIRO

LENDO A «LYRICA»

A FILINTO DE ALMEIDA

Não sei porque tanta tristeza existe
Onde mais alegria haver devia...
Não sei porque, mas vejo que sentia
Quem assim crevesse, pezar bem triste!

A vida é isto, e nisto só consiste:
—Ser maior o pezar do que a alegria...
Um minuto gozar, soffrer um dia...
E a dor sujeitar, se a dor resiste.

Ha palaeas que lagrymas parecem!
Canções tão commoventes que merecem
Comparárem-se aos «Canticos Sagrados»!

Se em cada estróphe escuta-se um gemido,
Em cada rima lê-se o mais sentido
Desentimentos mais acrysolados!..

Maio — 77.

RICARDO AZAMOR.

(*) Estas linhas foram escriptas a pedido de um professor de não vulgar instrução, que em nenhum grammatico achou definidos os limites da morphologia. Todos a definem: o estudo da *estructura* (?) ou *forma* (?) do vocabulo.

As estatuas

A Filinto de Almeida

No dia em que na terra te sumisamos,
Eu fui ver-te defuncta sobre a eça,
Fichados para sempre — o' sorte avessa! —
Aquelles olhos que me seduzeram

A'hy do sol uma janella abrisamos,
E o jardim arista, onde, o' condensa,
Uma noite perdemos a cabeça,
E as estatuas de marmore sorriram.

Subisti por aquella mesma porta
Onde outro'ra os teus beijos me expuravam,
Cheio do amor que ainda me comporta.

Quando o jardim sandoso atravessavam
Seis homens com o esyufe em g.ias mortas,
As estatuas de marmore choravam!

15/6/87

Arthur de Alencar

THEATROS

S. PEDRO DE ALCANTARA

Companhia do theatro D. Maria II

HAMLET

Tractando das peças modernas de Dumas Filho já é quasi um dever da critica procurar uma *these*; julgando as tragedias immortaes de Shakespeare a critica é obrigada a determinar a *synthese*.

O respeito a estas tradições da critica difficulta enormemente o julgamento, porque desvia o criterio julgador do facto para o accessorio. Longe do nós a idéia de criticar Shakespeare

em duas columnas de jornal. Já o disse V. Hugo: O genio não se discute.

Todavia, e partindo do principio de que os heróes do poeta inglez são perfeitamente humanos, no *Hamlet* vemos seriamente embaraçados com aquella sombra falante do rei morto. E' o que prejudica o julgamento da acção. Se o espectro apparecesse unicamente a Hamlet, caberia rasoavelmente a hypothese da allucinação; mas o espectro apparece igualmente, e mesmo antes de apparecer ao principe, a Marcello e Horacio.

Devemos, portanto, levar a interferencia do elemento phantastico antes á conta de effeito theatral do que considerá-lo constitutivo e essencial no pensamento dramatico. Não custa entretanto a formular outra hypothese: é

bem possivel que o grande poeta se servisse d'aquella sombra unicamente para justificar perante o espectador o pavoroso odio do principe. Como o crime fóra praticado sem testemunhas, que bem se deveria precaver um criminoso de tal ordem para ter segura impunidade, Hamlet só poderia conhecer o terrivel segredo pela communicação do espirito do pae. Seja como fór, porém, este elemento é secundario.

Tem-se dicto e escripto tamhem innumeraveis vezes que Hamlet é a — *Duvida*. Não podemos descohrir em que se baseia este juizo. A querermos synthetisar em Hamlet um sentimento qualquer, só rasoavelmente podemos achar a Vingança ou o Odio. Effectivamente em todo o correr do drama é a vingança o movel de toda a acção do principe.

O tio assassinou-lhe o pai, e a sua piedade filial revolta-se muito *humanamente* contra o assassino. O sentimento do odio está perfeitamente justificado, a vingança é o corollario do crime. Além ainda da espontaneidade do sentimento, ha o desejo do espectro, que deve ser cumprido. Na scena 5ª do primeiro acto, diz a sombra a Hamlet:

—«Dever tambem é vingar-me, depois de me teres ouvido.»

E pouco depois:

—«Nunca houve nenhum assassinio mais infame, inaudito e horrendo do que este.»

Ao que Hamlet responde:

—«Apressa-te em desvelar-m'o, para que prompto, como a meditação ou como o pensamento de nmor, possa *saciar a minha vingança.*»

Hamlet não é um hystérico, como quer o traductor José A. de Freitas; e muito menos pôde ser um louco, como querem muitos. É um melancholico; mas tem a intelligencia clara e o espirito lucido e reflectido. Procede methodicamente e methodicamente engendra o seu plano de vingança, servindo-se de uma representação theatral para obter a corteza do delicto que lh'a reclama. A loucura é simulada; e sobre este ponto não pôde em ninguem deixar duvidas a lei ura da peça. Na scena citada elle mesmo o diz a Horacio e a Marcello:

— «Notem o que notarem nos meus modos, se eu julgar necessario nfectar maneiras extravagantes jurem-me pela sua salvação que nunca cruzarão os braços, mençoando a cabeça, nem lhes escaparão palavras ambigüas...»

O Hamlet que a companhia portugueza representou é uma peça mal arranjada. O traductor a que já nos referimos, além de uma má traducção fez uma pessima *acommodação*. Suprimio quadros inteiros e cortou diálogos importantissimos para o conhecimento perfeito do typo do heróe. A entrevista do principe com a mãe, que deve ser passada no aposento particular da rainha é passada na sala do theatro; além d'este erro, o fuctor cortou a scena em meio, supprimindo o resto do formoso dialogo em que o procedimento de Hamlet com a mãe se humanisa e se justifica. É muito perigoso tocar assim ineptamente na obra do genio. Aparem-se-lhe as asperezas nativas, transija-se com as necessidades e conveniencias da representação, mas de modo que não fiquem, como no caso presente, alterado o caracter dos personagens e o desenvolvimento logico da acção. Na *acommodação* do Sr. J. A. de Freitas, o caracter de Hamlet não está determinado; a inteireza, a cohesão psychica do typo não está definida como no original.

É talvez esta a razão de não ser inteiramente perfeito o desempenho que Brazão dá ao papel de Hamlet. Para julgar este desempenho, sem duvida muito notavel, é necessario attender ás condições de relatividade. Brazão é um actor novo, que ha pouquissimos annos representa o drama e que ha apenas seis mezes que faz o papel de Hamlet, criação em que todos os artistas gastam longos annos de estudo e que pouco a pouco vão modificando á proporção que a representam. Certo falta muita coisa ao desempenho de Brazão, mas força é confessarmos que não falta tudo. O seu trabalho é um bello esboço. Com a continuação d'elle, representando

Hamlet ainda alguns annos, as linhas hão de se ir accentuando, as sombras esbatendo, os contornos definindo. Brazão tem para isso talento e vontade. Por enquanto ha talvez uma certa desordem de gestos e demasia de accionados; a declamação não nos parece que tenha a necessaria sobriedade; por vezes o bravo artista deixa-se arreatar pelo seu proprio temperamento e deixa de ser verdadeiro para ser brilhante. A interpretação do notavel actor é uma interpretação romantica; elle não se pôde ainda libertar inteiramente das convenções. Entretanto o proprio Hamlet lá diz a um actor:

— «Acommoda a acção ás palavras, as palavras á acção, tendo sempre em vista a naturalidade; só é proprio da scena intelligente, que foi e é o espelho em que se deve reflectir a natureza, mostrar a virtude tal qual é, a vaidade sem véo, e cada tempo e cada idade com a sua physionomia propria e com o cunho de verdade.» (*)

Ha scenas admiravelmente feitas. A do segundo acto, com a rainha, é feita com vohemente expressão e grande relevo. Ha ali uma transição de bellissimo effeito, quando apparece a omhrn do rei. A scena com Ophelia, no terceiro acto, depois do monologo celebre é muito boa. Mas o que sobre tudo nos encantou foi a singular expressão com que foi dicta a *fala* do quinto acto, no cemiterio, sobre a caveira de Yorick.

Devemos, entretanto, dizer que o trabalho de Brazão é já um trabalho notavel, e temos que lhe agradecer a coragem e a audacia com que se abalançou ao theatro do gigante inglez, audacia que pela primeira vez nos permittiu admirar na nossa lingua as obras primas do genio de Shakespeare.

João Rosa faz com grande correcção a sobriedade o odioso papel do Rei e fez notavelmente com Augusto Rosa a scena da revelação, no quinto acto.

Laerte é um papel fóra das condições artisticas de Augusto Rosa, que todavia, teve scenas muito felizes.

Quem foi de uma grande infelicidade foi Antunes no papel de Polonio. Ferreira da Silva, um tanto acanhado, não comprometteu o seu Heracio.

Quem causou uma verdadeira surpresa ao publico foi Amelia da Silveira. Deu expressão e sentimento á sua Ophelia e fez com relevo as scenas da loucura.

Os scenarios são bons e bellos e os vestuarios riquissimos e de muito gosto.

D. PEDRO II

Companhia dramatica italiana dirigida por G. Emanuel

NERO

O Nero canalla, cynico, assassino e cobarde, é o Nero de Pietro Cossa e foi o Nero que nos deu Emanuel, com uma extraordinaria fidelidade de interpretação.

O grande artista italiano passou do nobre e valeroso Othello ao imperial parvoeirão emphatico com uma incrível facilidade. Inteiramente outro homem no mesmo artista—e está aqui a principal qualidade de Emanuel. A verdadeira, a immensa superioridade de Emanuel tem duas faces distinctas:

(*) Fazemos estas transcripções da traducção de D. Luiz I, que é a que temos á mão.

a criação perfeita, completa, inteiriçada dos typos, promanando da formação absoluta do caracter; e a veridic: mais soberbamente veridic: dos meios de acção. Sobre estes pontos nada ha mais a dizer-se do actor italiano. Particularisado cada papel, ou antes cada personagem,—porque elle não recita papéis mas crea homens—é pasmosa a ductilidade com que elle se adapta a Nero depois de despir a pelle bronzeada de Othello. Mal se comprehende que um só homem se nos possa apresentar sob aspectos tão diversos, tão heterogeneos, tão dissemelhantes. Vê-se que Emanuel, formado no seu espirito o typo do *homem* que tem de reproduzir, procede analyticamente ao estudo psychologico e physiologico do personagem. Na reprodução são attendidas todas as suggestões do meio, todas as fatalidades do temperamento, todas as condições da raça.

Nero é outro proligio. Em toda a scena da taverna, no segundo acto, Emanuel é monumental; no ultimo acto é assombroso.

Dá-nos o extremo da cobardia humana! O medo, o espantoso pavor de Nero deante do proprio punhal com que se ha de ferir, communica-se ao espectador igualmente arrepiado!

Emanuel no Nero é grandioso.

Quem tambem muito se distinguio na bella tragedia de Cossa foi a Sra. Reiter, no papel de Ecloga. Encantadora.

O Sr. Valenti tem um trabalho notavel no hystrião. Dos outros artistas destacaremos ainda a Sra. Aleotti, que teve scenas felicissimas.

O CASAMENTO DE FIGARO

A respeito d'esta peça escrevemos na *Semana* de 4 de Julho, de 85:

«O protagonista, Figaro, é o typo lendario, que representa o espirito de uma época historica, a luta da razão com o preconceito, a primeira rebeldia do povo contra a nobreza e o clero; porque Figaro é Beaumarchais e Beaumarchais era o povo; era o relojero plebeu que ia a Paris mostrar um novo mecanismo de relógio de sua invenção, e que foi subindo por si até chegar a ter influencia nas duas ultimas côrtes dos Capetos; era o homem que primeiro devia synthetisar em uma palavra toda a formula democratica que rege as sociedades actuaes e que a Revolução franceza consagrou e instituiu a poder de sangue, palavra que foi para os mesquinhos e para os opprimidos o advento da força e da liberdade: «*Eu sou cidadão, e não cortesão, nem abbade, nem fidalgo, nem banqueiro, nem valido, nem cousa nenhuma do que se chama poder. Sou cidadão*», dizia o continuador da obra demolidora de Voltaire.»

«Como a peça theatral o *Casamento de Figaro* é ainda uma obra notabilissima, escripta com extraordinaria vivacidade, azougada e subtil, cheia de situações admiravelmente preparadas, e que só não são inteiramente novas por terem sido aproveitadas e imitadas por muitos escriptores de comedia. O primeiro acto revella immediatamente a arte do auctor, na interessante scena do escondrijo duplo de Cherubim e Almaviva, de que decorre toda a in-

triga da peça. O segundo tem toda a subtilidade e galanteria da alta comedia moderna, como a sabem fazer Angier e Sardou. O terceiro, o do tribunal, comquanto mais carregado por via do ridiculo que devia ferir a justiça da epocha, é ainda magnifico, e ha nelle um dos mais bellos dialogos que se tem escripto para a scena, um verdadeiro duello á palavra, onde poderosamente se accentua o caracter do famoso barbeiro de Sevilha e onde resulta com toda a franqueza o predomínio da intelligencia sobre o espirito obcecado dos senhores feudales. É uma luta admiravel de astucia contra astucia, trava la a phrases de grande conceito e fino espirito, onde se resume toda a philosophia democratica que devia pouco depois irrupcer do seio das massas para derrocar por nmavez a sociedade apodrecida, orgulhosa e futil do seculo XVIII.

«O quarto acto, vinha que tambem interessante, não é mais do que um preparo para o quinto, que é magistral, cheio de situações engratadas e originaes, vivissimo, feito com grande arte e com grande talento.

«É, pois, inteiramente justa a celebridade do *Casamento de Figaro.*»

Pois Emanuel—isto é quasi inacreditavel, e este actor leva-nos a surpresa em surpresa!—foi um Figaro perfeito, encantador de graça, de jovialidade e de astucia! Othello dançou uma contradança e Nero cantou Offenbach.

Isto não se comenta, regista-se como dizem as folhas diarias. Que malicia e que ironia emprestou Emanuel ao typo immortal de Beaumarchais! Que gentileza de athenes, e que soberba recitação do monologo do quinto acto, fóra da acção da peça, au laziamente senta no capulo do ponto. Que perfeição no dizer, que relevo, que arte inegalavel, que sobriedade, que *entraîn*! Não se pôde ser mais perfeito nem mais interessante do que é Emanuel no Figaro.

Tambem coube nessa noite uma parte de gloria á Sra. Aleotti, que fez uma Suzana aloravel e irreprehensivel, com muita malicia e muita graça.

Reiter fez um bello Chernbino, e deu gentilissima expressão áquelle formoso aprendiz de devasso. Foi um pagem *chic*, de uma ingenuidade atrevida e galante, e cantou muito bem e com bella voz o romance do segundo acto.

Foi um esplendido espectáculo, e mais um grande triumpho para Emanuel, que até como cantor foi victoriado na noite do *Figaro*.

HAMLET

A representação do *Hamlet*, ante-hontem, produziu nos espectadores do D Pedro II uma impressão de assombro e pasmo. O Hamlet de Emanuel é um verdadeiro prodigio de arte e de verdade.

O grande artista que dá a nm personagem, tantas vezes e por tantos outros reproduzido, um cunho de tão poderosa individualidade, vae ter na historia do theatro d'este seculo o lugar proeminente de um renovador audacioso, de um revolucionario immenso e genial! Emanuel está para a arte de representar como Zola e Balzac estão para a arte de escrever o romance. O grande artista quando, já laureado por uma academia, se resolveu a entrar para o

theatro, fez-o com o proposito preconcebido de reformar a arte do seu tempo. Eato proposito seria exageradamente pretencioso e pedantesco se elle nao se sentisse com talento e com forças para metter hombros à empresa. Mas o seu espirito formado, tendo a sua intelligencia attingido o grão maximo do desenvolvimento, davam-lhe sem duvida a certeza de que a poderia tentar. Tentou-a e conseguiu o seu intento!

Que estranha e temeraria audacia, que inacreditavel confiança nas proprias facultades não é preciso ter para vir assim, de chofre, destruir a obra dos seculos, e lançar, num delirio de talento, na vertigem da coragem, as bases da Arte nova, exactamente no sitio onde era mais solida e mais empedrada a argamassa das tradições!

Este arrojo inaudito é que a Historia ha de registrar com assombro, consignando ao artista genial na posição altissima de primaz na arte de uma época.

Um genio como Shakespeare gastou todos os recursos do ingenho humano a britar e a pulir as pedras de um monumento eterno; era preciso outro genio que, aproveitando o material deixado, tivesse força para erguer o monumento imaginado pelo supremo artefice: esse gigante appareceu agora, e lá o vimos ante-hontem naquelle milagre de resurreição, só realizado trezentos annos depois de morto o herói de que apenas temos visto o cadaver!

E fica-nos na alma uma dolorosa impressão de tristeza ao pensarmos que um artista como Emanuel, quando partir para a eterna jornada hade levar consigo a sua espantosa bagagem de obras-primas!

Que os nossos artistas aproveitem a monção que se lhes depara e que vão ali ao D. Pedro II aprender com o grande mestre a sua arte; e possam assimilar, tanto quanto lhes permitam as suas facultades, os precieitos novos que elle esbanja, como um doido rajah indiano que se lembrasse de atirar pelas janellas de um palacio as pedrarias do seu incalculavel thezouro.

A duplicidade do character artistico de Hamlet nunca foi tão relevantemente destacada; o typo do principe dinamarquez nunca foi tão singela e tão humanamente exposto aos olhos do espectador attonito! Hamlet já não é o príncipe elegante e soubrio que conheciamos e admiravamos; é agora um miseravel vergado ao peso de uma dôr enorme, procurando desesperadamente a verdade do facto que o acabrunha; fingindo-se doido e allucinado para encontral-a; apparecendo enxovalhado e roto pelo descuido de si mesmo, pelo abandono apparente a que se entrega. Quando encontra a verdade com tantas ansias procurada, e homem é outro: começa a rugir a vingança justificada e irrompe por vezes formidavel e temerosa a indignação que o possue.

Deante da mãe chorosa e supplice, depois da scena tremendissima da accusação, surge-nos inesperadamente o filho commovido e terno, dominado pela emoção e pelo resto de amor filial, para desaparecer em seguida, numa extraordinaria explosão de desdém e de ironia amarissima, determinada pela idéa fixa da vingança! Soberbo e humano.

Mas que ha de dizer a critica momentanea de um jornal, com um dia apenas

de meditação, d'aquelle trabalho estuando e genial que nos opprime, nos suffoca, nos bastifica presos à nossa cadeia, estuporalos pelo espanto, deante de uma maravilha inconcebivel? Não! a critica nada pôde articular para dar idéin da sublime criação de Emanuel. Aquillo não se descreve, porque é indescriptivel; não se analisa, porque escapa à analyse. É o trabalho do genio, em que não se toca porque é sagrado e invulnervel. Vê-se, admira-se, respeita-se. A gente emudece, deixa repousar a penna e vae dizer ás pessoas amadas que se não privem do inenarravel prazer de irem admirar um prodigio de arte espartoso, colossale perfeito!

Taine disse de Shakespeare que os seus gentishomens parecem extravagantes, que os seus aranzéis pretenciosos são uma convenção do seculo XVI, que as suas metaphoras são intelligíveis e que nos herões do grande poeta as exterioridades e os efeitos do momento são tão predominantes que o resto desaparece. (1)

Se o grande critico houvesse visto o Othello e o Hamlet de Emanuel cambiaria a sua opinião. E' que os meios de que a critica dispõe para a analyse são incomparavelmente inferiores aos de que Emanuel se serve para encarnar e fazer viver deante de nós os personagens do tragico inglez, tal e tão extraordinario é o seu poder de assimilar e de reproduzir!

E quem pensar que estamos aqui a procurar hyperboles, vá ver Emanuel, que hade verificar que Hamlet está acima de todas as hyperboles e para alem do que pode exprimir a palavra humana, nos estos mais deslumbrantes do enthusiasmo.

A primeira representação do Hamlet foi o maior acontecimento artistico a que temos assistido no Brazil.

P. TALMA.

BELLAS ARTES

TERCEIRA EXPOSIÇÃO DE A. PARREIRAS

I

Em traços rapidos de uma brilhante prosa o poeta Alberto Silva biographou, ha algumas semanas, a vida de Antonio Parreiras.

Conhece-o aos 13 annos, no tempo em que o sentimento esthetico do actual paizagista começava a se exarar em confecções de papagalos de papel colorido e em ensaios de caricaturas no estylo da arte primitiva. Estudaram no mesmo collegio e, mais tarde, cada um seguiu rumo differente. Foi depois de uma longa ausencia que o poeta, voltando à capital, encontrou-se com Parreiras em uma casa de commercio, do balcão para o interior, occupado em aviar freguezes. «Entrei!—diz o auctor das Matinas.—Largo tempo conversamos.

«Elle ainda tinha na mesma febre de visionario a queimar-lhe o cerebro; o coração galopava-lhe ainda na mesma loucura de aspirações irrealizadas; todo um turbilhonar violento de idéas, de sonhos, suffocados na mortalha fria de uma indifferença forçada. Casara-se. Fôra escripturario. Negociava agora. Talvez desse modo pudesse ganhar para aprender a pintura. E acorrio com um laivo de resignação dolorosa, que me obrigou a scismar.»

Pelo que fica exposto, Parreiras tem

(1) H. Taine. De l'ideal dans l'Art.

uma existencia de lutas e de commoções; é precisamente, n'esta época que as commoções, mais do que em outra idade, deixam no coração fundos sulcos; dahi, pois, uma grande tristeza actuando no temperamento do individuo pelo continuo desmoronar de esperanças apenas lóbrigidadas. Parte d'este facto, segundo creio, a causa de Parreiras abusar muito do branco. M. Paulo Bert em duas observações apresentadas à Academia Franceza, em 1878, affirmou que, o mais das vezes, o emprego de cores predilectas é motivado, não por uma alteração da vista, mas por motivos de ordem intellectual. Cita o illustre sabio francez o exemplo de Descamps para provar que a côr favorita varia, ásvezes, com as épocas da vida do pintor. Depois de se estudar a vida accidentada d'esse glorioso companheiro de Delacroix, chega-se à conclusão de que as observações de Paulo Bert foram colhidas em boas fontes de verdade. Descamps foi um dos orientalistas que mais brio conseguiu dar ao colorido, mas nos ultimas tempos da sua existencia pintava cor de lilaz. É preciso notar, agora, que Descamps soffreu não pequenas injustiças da critica e dos artistas da seu tempo. Esta afinidade existente entre os phenomenos physico-physiologicos e os phenomenos da sensibilidade visual são de simples observação. Muitas vezes, até a escolha de fazendas para o vestuario depende de influencias morbidas no temperamento. Um facto d'esta ordem observei ha pouco tempo em uma galante meunha de dezoito annos. Esta interessante mocinha estava em proximidades de casamento com um amigo meu. Por uma insignificante falta committida pelo noivo ella amou-se, e no dia seguinte, ao recebê-lo, como era de costume, á entrada do jardim onde a familia passava em palestra a tarde, apresentou-se de toilette branca com laços do fito cor de lilaz. A cor dava-lhe uma certa expressão de tristeza, de scismas, de dores. Fazendo alguem o reparo de achar-se ella tristonha, disse, forçando-o sorriso:

— E' por causa das fitas...

E, querendo-se-se:

— Quem me alegre? Esperem...

Momentos depois, voltou do interior onde fôra substituir as fitas por outras cor de rosa. A differença foi enorme. Dir-se-ia, ao vê-la vestida assim, que ella se metamorphoseara em um mundo estranho, cuja existencia e paralelo só ella conhecia. Era outra com as fitas cor de rosa. Alegre, juvenil, feliz, formosa. Uma expressão de graça e de frescura pairava em seu semblante. Seus olhos, até então como que amortecidos por uma saudade indissolvel e de minuto a minuto mais profunda, irradiavam de contentamento!

Entretanto dirão muitos, em contra-dicção à theorica que exponho—se houve em Parreiras estas influencias, a tonalidade por elle usada seria a cor de lilaz ou roxa. Deve-se, neste caso, attender ao seguinte. O branco não é uma tinta triste, mas é um tinta fria. Entrando exaggeradamente na combinação de outras tintas, empalidece a tonalidade. De mais a mais—deve ser levado em conta a preileição que o artista tem pelas horas mais tristes do dia. O momento que elle escolhe é sempre, digo—quasi sempre—o de repouso, nas horas vespertinas, quando o ultimo raio de sol deixou de dourar as nuvens e no arvoredado a passarinhada se esconde, se agasalha, a pipilar.

Alem d'essas duas cousas, talvez haja uma outra—a de pouco habito no estudo da natureza, pois é sabido que a intensidade da luz tem muita influencia nas impressões, o uma vista, que não esteja muito bem educada, sente, á grande luz do sol, a aproximação das cores para o branco.

Mas existe no immoderado uso que elle faz do branco, uma certa vantagem, que, mais tarde, depois do artista ter visto as obras primas dos mestres e ter aprendido a ver bem, tornarão suas telas dignas de grande estima. Dando-lhes o tom predominante branco ou cizento, conseguirá illuminal-as com um equilibrio de cores prismáticas, de sorte que já mais fatigarão a vista de quem as contemplar por longo tempo.

II

Citarei, antes de começar esta parte,

uma phrase de Jules Clarotie: «a propria indulgencia é uma forma polida, um euphonismo. Uma especie do pseudonymo do desprezo.»

Eu, que tenho pelo talentoso paizagista uma grande sympathia; eu, que rubisco estas linhas voluntariamente, sem que para isto se me pague e se me ordene, não posso ser indulgente para com um moço de reconhecido talento, nem preciso usar de muitos termos para não cair no desagrado d'esta ou daquella parte.

Diz-lhe-ei a minha opinião pessoal, sem que a julgue bastante valiosa para ser considerada uma critica auctorizada. Nem a tanto chega a minha audacia.

O seu grande quadro—Effeitos da Tempesta—á parte alguns senões no jogo do claro-escuro do primeiro plano, á esquerda, tem um bello envelope, segundo a terminologia de atelier. Grandes difficuldades ali foram vencidas com habilissimo ingenho, e tal cuidado soube dispensar á feitura do quadro, que até os figurinhas são muito boas em desenho e movimento, apesar de lhe faltar pratica no desenho de figuras. O fundo e o céu, ou para melhor dizer, o fundo todo, constitue uma das melhores partes do quadro. A agua, no plano direito, corcoveia em ondas espumantes e a facha da praia mostra aturada observação da realidade. Um pouco mais de vigor na projecção do barco grande, á esquerda, e um pouco de artificialidade nesse plano teriam um carregado mais, e mais o destacaria dos planos secundarios, em que a tinta branca predomina com abundancia.

Agora, que já me confessei admirador d'esse obra, posso dizer francamente que a considero infeliz sob o ponto de vista do tamanho. Uma tela de 3,80 cent. por 12,60 cent. para uma simples paizagem animada por quatro ou seis figurinhas de doze centímetros no maximo, faz-nos pensar no seu destino. Para ser propriedade de um particular, torna-se necessario que seja possível encontrar no Rio de Janeiro, ou seja em todo o Brazil, um amator de bellas-artes capaz de compral-a por seu real valor, dispondo esse amator de uma galeria vasta em que possa dependural-a ao muro. Para ser adquirida pelo Governo, o assumpto de forma alguma allia-se com o character de uma secretaria do Estado; salvo se for adquirida para a Pinacotheca da Academia de Bellas Artes. Ali devia ella figurar, o melhor prova apresentaria do nosso adiantamento em bellas-artes do que muitas que a Academia possui e classifica no catalogo da pretendida Escola Brasileira (?) mas faltam nos amadores e ajuda mais—amadores ricos; não temos museus; não temos governos capazes de se interessar pelas boas produções artisticas d'aquelles que não possuem nos gabinetes particulares de ministros um divino espirito-santo, senão na symbolica forma de uma pomba, pelo menos nos ossos e na carne de um homem. Na realidade, creio o sr. Antonio Parreiras, eu temo pelo destino do seu quadro, e, postoque não sejamos intimos, são sinceros os votos por mim feitos para que, em paga de tanto trabalho, não se veja obrigado a guardar a tela... Quando se trata dos «banidos da Suprema Ventura» es governos nunca têm verba.

Das vinte e quatro telas pequenas que completavam a exposição, direi que são bons estudos e muito dignos de attenção. Entre ellas acha-se uma que já fez parte da 2ª exposição realisada pelo artista, o Antigo Palacio Imperial em Petropolis; mas d'esta vez duas figurinhas quebram a monotonia d'essa paizagem secca, dominada por um caçarão em ruinas. Vae nisto talvez adiantamento do artista, porque chegou á convicção de que na paizagem brasileira é imprescindivel a figura. Esta questão tem occupado pouco os pintores, e no entanto lutam com serios embaraços para arranjar satisfatorios pontos de vista.

III

O cotejo feito entre as duas primeiras exposições e esta de Junho, nos dá o seguinte resultado: Antonio Parreiras é um laborioso e intelligente artista que ainda não se orientou.

Tendo apenas estudado durante nove mezes com um mestre methodico e

consciente, começou a lutar sózinho com a enorme dificuldade de ver a natureza, ao ar livre, sob os mais caprichosos e variados efeitos de luz. Só aos que se têm dedicado a esse penoso estudo é dado conhecer como são instáveis e incompletos os phenomenos da sensação visual e quantas circunstancia de modificabilidade da luz contribuem para o augmento das difficuldades. Langel, em seu livro *L'Optique des Arts* diz: «As imagens a travez das quaes aprecebem os mundo externo não são, em somma, signaes constantes; essas appareças se transformam a cada instante, pois, seu cessar, a luz muda de intensidade, os objectos se deslocam e suas cores se alteram sobre fundos e em meos novos; enfim a irritabilidade da retina é tal, que duas impressões successivas, causadas pelo mesmo corpo, não podem ser absolutamente identicas. Quando ollammos os quadros da natureza é como se lessemos em um livro onde os caracteres mudassem incessantemente de grandeza e de côr.» Comprehendese, pois, os obstaculos com que luta um novel paisagista, estando por si só, na interpretação da natureza ao ar livre. Não são, seguramente, tres ou quatro annos de estudo, e de estudo activado por uma irresistivel vocação, não é só a boa vontade que pôdem educar a vista do pintor.

Essa educação é feita pelo tempo. Quantos annos de trabalho, de desillusões, de cancelas não foram precisas a Corot para conseguir familiarisar-se com a natureza? Antonio Parreiras pode dizer, como todos os paisagistas brasileiros, que ainda não fez a sua independência.

A sua maneira de colorir ainda é a mesma, o seu desenho pouco progrediu; unicamente o toque, isto é, a maneira de passar o pincel, nos parece mais desembaraçada e mais certa.

Não ha desesperear. Elle ainda é muito moço (naseu em S. Domingos de Niecheroy, a 21 de Janeiro de 1861) e robusto, activo, intelligente. Com esta edade nenhum artista na Europa conseguiu fazer reputação; e aqui, neste abençoado torrão da politica e da pnotia, muitos existem que com o duplo d'quella edade ain ta não reconheceraam as qualidades negativas que os distinguem ao cultivo das bellas artes.

Concluindo, rogo ao distincto pintor fluminense me desculpe a fraqueza d'estas linhas, talvez dictadas pela ignorancia, e aceite o meu parabem pela felicidade da sua exposição, que lhe envia o mais obscuro dos seus admiradores.

Junho de 87.

ALFREDO PALHETA.

JORNALS E REVISTAS

Um dos mais bellos numeros d'*Illustração* é este que foi distribuido esta semana pela casa filial da de David Corazzi e traz a data de 5 de maio.

Nas gravuras destacam-se um grande pagina representando o grandioso quadro de Renoir *O pinto*, e um delicado e magnifico retrato de Leconte de Lisle.

No texto, Mariano Pinn escreve com muita *véve* e observação sobre Eça de Queiroz e o seu modo de trabalhar, e Julio Cesar Machado continúa as suas interessantes «Notas para um dictionario dos portuguezes notaveis do meu tempo.»

É com grande mágua que temos de annunciar o recebimento do derradeiro numero d'*A Vida Moderna*, o brilhante hebdomadario illustrado, de que foi fundador e director o nosso operosissimo collega Arthur Azevedo, e que terminou a sua publicação com a do ultimo numero do primeiro anno.

Elle irá repousar ao lado da outra filha dilecta, a primogeuíta, de Arthur

— n *Gazetinha*. E d'aquella como d'esta ficará memoria gratissima e indelevel snuudde.

A.

SPORT

A corrida realisada pelo Prado Villa Izabel ao domingo passado esteve bastante animada e concorrida, sendo todos os pareos bem disputados e reinando a maior regularidade durante o divertimento.

O programma, composto de sete pareos, foi bem organizado, alistando-se nelle bons animaes, quer do paiz, quer estrangeiros.

Eis o resultado de cada um delles:

No 1º pareo (1500 metros) Rigoletto em 10 segundoss venceu os seus competidores. Cantagallo em 2º lugar, poden lo ser a vencedora, visto não ter mostrado boa vontade para vencer. Tufão em 3º lugar; Zaire, Blanche, Verbena, Guachio, Onilina, tambem correram e não mereceram classificação — não correu Martha. Rateio 20\$700.

No 2º pareo (1400 metros) Berenice em 98 segundoss facilmente venceu os seus adversarios, apezar de partir com desvantagem. Corcovado em 2º lugar e completamente esgotado. Juanita em 3º lugar. Absynthio, Floridn, Pistoa e Catita não mereceram classificação. Obôe e Erse não correram. Rateio 12\$200.

No 3º pareo (1600 metros) houve esplendida corrida e bem disputada. Musico, partindo com muita vantagem, travou realhada lueta com Phenicia durante a corrida, ganhando d'esta e obtendo o 2º lugar, perdendo de Mastin que, aproveitando-se d'esta luta, venceu os seus adversarios em 105 segundoss, sendo bem montado e hem corrido. Phenicia, que era a favorita, chegou em 3º lugar completamente, esgotada e tendo sido enpurrada nas curvas para fóra pelo Musico. Dr. Jenner em grande bagagem. Pancy, Africana e Diomedea tambem correram. Le Loup não correu. Rateio 34\$900.

No 4º pareo (1000 metros) Druid, em 55 segundoss e com 59 kilos, venceu os seus competidores. Biscaia, que chegou em 3º lugar, fez má corrida, quando neste tiro tem revelado superioridade; foi mal montada e pessimamente corrida. Villa Nova chegou em 3º lugar. Moreua, Monjogo, Douro, Aldace, Maestro e Fugote não mereceram classificação. Rateio 17\$000.

No 5º pareo (1800 metros) Scylta com bastante facilidade em 121 segundoss venceu Perle que chegou em 2º lugar e esgotada. Dr. Jenner parou ao cabo de 800 metros. Daybreak não correu. Rateio 11\$200.

No 6º pareo (1300 metros) Visière em 34 segundoss, apezar de partir com desvantagem, venceu os seus competidores. Apollo em 2º lugar e Cuirra em 3º. Ouvidor e Lindo em ultimo lugar. Fire-Quees não correu. Rateio 11\$500.

No 7º pareo (1600 metros) Americana, inesperadamente, em 111 segundoss, venceu os seus competidores e *desafinou a grande musica combinada* entre Boyardo que chegou em 3º. Chapeco em 2º e Jenny sem classificação, juntamente com Bouita, Viollão e Saltarelle. Não correram Morena, Maudarin, Bismurck, Rabecão e Cycloue. Rateio 16\$3700.

L. M. BASTOS.

FACTOS E NOTICIAS

HOTEL DE LONDRES

Para solemnizar a installação do seu novo estabelecimento, os proprietarios do Hotel de Londres a rua do Ouvidor, offereceram no dia 9 do corrente um banquete á imprensa.

A's 6 horas da tarde presentes todos os representantes da imprensa, com excepção do *Jornal do Commercio*, foi servido o lauto banquete.

Na occasião dos brindes falou o Sr. Pereira da Silva em nome da imprensa. Seguiram-se depois com a palavra os Srs. Domingos Goncalves aos proprietarios do estabelecimento, Paula Ney, sempre eloquente e arrebatador, nos relatores d'*A Semana*, P. da Silva a Quintino Bocayuva, José do Patrocinio aos Dr. Ferreira de Araujo e Angelo Agostini, Valentin Magalhães aos proprietarios do estabelecimento, Alfredo Goncalves agradecendo o brinde feito ao Dr. Ferreira de Araujo, Luiz de Andrade agradeceu o brinde feito a Angelo Agostini, Alfredo de Souza aos Srs. José do Patrocinio e João Clapp, Guanabara a José do Patrocinio, e Paula Ney a Machado de Assis. Valentin Magalhães fez o brinde de honra saudando Sua Magestade, o... Publico.

Com muito gosto e elegancia está montado o Hotel de Londres e offerece aos seas freguezes, além de todas as comodidades desejavaes, uma *cosinha* excellente, deliciosa.

Resaram-se no dia 13 do corrente missas por alma da esposa do aosso collega Ernesto Senna, na egreja de S. Francisco de Paula. Foi enorme o concuorso de assistentes, composto de caballeiros de todas as classes sociaes, pois em todas conta Ernesto Senna amigos e affeçoados. Todos os jornaes se fizeram representar pelos seus relatores e reporters.

ACADEMIA DE BELLAS ARTES DA BAHIA

A congregação d'este importante estabelecimento de educação artistica, filho de grandes sacrificios por parte de um grupo de distinctos cidadãos, que o fundaram em 1877, pede-nos reforçemos o pedido por ella feito á Assembléa Geral para que seja concedido á mesma Academia um pequeno subsidio para auxilio da criação de certos cursos de que ella necessita, melhoramento de outros, aquisição de modelos e originaes para complemento do ensino da escultura, pintura e architectura.

Este pedido já foi feito o anno passado e a Assembléa Geral, naturalmente, entendeu, na sua alta sabedoria, que elle deveria ser esquecido como materia de nenhuma importancia.

Nós é que assim não pensamos; é por isso que aqui estamos de penna em riste a protestar contra esta falta de amor á gloria do nosso paiz, e a lembrar á Assembléa Geral aquelle pequeno pedido de subsidio, hoje renovado pela Academia das Bellas-Artes da Bahia.

Se para votardes á favor deste subsidio é preciso coragem e força inadomita, eia, senhores representantes da nação, coragem s força! e concedei á Academia o que ella pede, crentes de que ficaremos sumamente gratos a VV. E Exs. e... estupefactos de admiração!

QUE HOTEL!

Muito cedo levantou ferrão o paquete e tomou rumo de barra a dentro. Ancorado na Gamboa, após as visitas da Saúde e Alfândega os primeiros passageiros que d'elle sabiram foram Julia e o marido.

Octavio e Julia, que vinham de passar a lua de mel em França e na Italia, desembarcaram no caes do Piaroux, tomaram um carro e partiram para Santa Thereza, onde escolheram apsentos no Hotel da Vista Alegre. Depois do almoço foram passear; o Julia não cessava de enthusiasmar-se com o bello panorama da cidade que de lá se descortina; e a cada momento parava e chamava a attenção do marido para mais uma vista, exclamando: Encantador!

De volta do pequeno passeio, Julin mostrou n Octavio desejos de jantar na cidade, de dar uma volta pela rua do Ouvidor e de ir ao theatro.

A's 5 horns da tarde desceram ds Santa Thereza.

Onde iriam jantar? Qual hotel? Era isto que os atormentava. Queriam um hotel de primeira ordem, de excellent cosinha, e asseindo, muitissimo asseiado.

Ao passaram pela rua do Ouvidor, Julia que não cessava de tudo ver e observar, chegando mesmo a ler os lettreiros das casas de negocio, deparou, em bellas lettras garrafaes, em uma casa de frontispicio elegante e rico, o seguinte dizer: *Hotel de Londres*.

— Ei-lo! disse ella ao marido. *Hotel de Londres!* ha de ser bom. Vamos jantar aqui. Entremos.

Por baixo d'este hotel ha um botequim excellent, sendo digno de nota a bellissima cascata que se destaca ao fundo do salão. Julia não pode suster um grito de contentamento ao vela.

— *E' chid* De iaaito bom goat! Como está bem feita!

E demoraram-se a contemplar a cascata. Miautos depois aproximou-se d'elles um *garçon*, todo nttenções, e convidou-os para que visitassem o estabelecimento e os conduziu até a escada que dá para o pavimento superior do estabelecimento.

Subiram.

Grande foi a impressão que Julia e o marido receberam ao galgarem o paratêo.

A alvura das toalhas que cobriam as mesas, as jarras cheias de flores, as garrafas de finissimos vinhos, empilhadas ao funlo em elegantes urnarios, as delicadas pinturas que ornamentavam as paredes, o aspecto do tecto, de fuulo azul e salpicado de estrellas de ouro, o movimento dos *gnrçons* que iam e vinham com pratos de appetitosos manjres, tudo isso feito á cluridade de varios combustores de gaz, symmetricamente distribuidos, enleiam por tal maneira o espirito de Julia e do seu marido que elles nem deram por um amavel senhor—o Bittencourt—o doao do estabelecimento, que se achava ao lado d'elles e a repetir pela terceira vez: *Vossas Excellencias* querem sala especial?

E sem verem o Bittencourt tomaram assento em uma das mesas e esperaram pelo *garçon*.

O *garçon* foi o proprio Bittencourt. Deu-lhes a hiata e Julia, sem saber qual das sopas escolheria, decidio por fim,

por uma purée, e confiou a escolha dos outros pratos ao nável e perito Bittencourt.

Durante o jantar, Julia e o marido só tinham exclamações de elogio no bom gosto que presidia á factura dos pratos. Todos elles eram deliciosos, saborosissimos, dignos dos deuses. E o vinho, puro *Chateau la Rose*,—excellent!... Que finissimo champagne lhes foi servido! Que sobremesa!

Em caminho para o theatro D. Pedro II, Julia e o marido não cessaram de falar, sempre elogiando, do Hotel de Londres, dizendo entre outras cousas, que elle podia rivalisar com os primeiros hotéis da Europa.

Ao ebegarem ao theatro, compraram um camarote e foram assistir a representação do *Nero*.

Após a scena da morte, em que Emmanuel é assombroso, incomparavel, unico; a platéa explosio em bravos e applausos ao grande tragico e Julia, voltando-se para o marido, disse-lhe:

—E o Hotel de Londres? Que estabelecimento! Que vinhos! Que comidas! Aquillo é que é um hotel!— o Hotel de Londres!

BARÃO LA RECLAME.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e aparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotóro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço do volume: 2\$000.

Dr. André Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

A FLORA BRAZILEIRA

Chá, Cera, Matte, Rapé e Sementes

PIMENTEL & DUARTE

81 Rua da Uruguyana 81

RIO DE JANEIRO

O GAIATO DE SALÃO

O *Gaiato de Salão*, colleção de disparates amatorios engraçadissimos em perguntas e respostas para passa tempo das noites de fogueiras. Vende-se na rua de Gonçalves Dias 33 e Ouvidor 66.

PREÇO 500!

Typ. d'A Semana, h. do Ouvidor, 43, sobreto

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene o autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, escrophulas, rachitis, anomia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIAS DA NOITE

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA EXTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

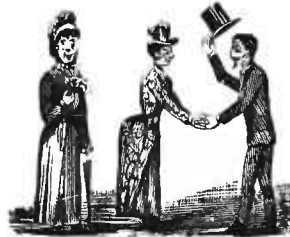
Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

LIVROS

Grande liquidação na antiga livraria de Faro & Nunes.

Preços nunca vistos.

72 Rua do Ouvidor 72



Grande novidade ha boje, Exmas! A passeio? E' verdade! Sabimos unicamente por não podermos resistir ás grandes pechinchas que hoje annuncia a *California*, na rua do Senador Dantas n. 4. Onde fica essa rua? E' a rua nova, que principia no largo da Guarda Velha! Já chegaram as grandes novidades em capas, côrtes de vestidos bordados e artigos de malha de lã para crianças e para senhoras.

Algodão muito forte, peça.....	1\$000
Morim para forro, peça.....	\$600
Dito superior, peça 1\$200 e....	\$800
Dito mais superior, peça.....	2\$200
Velludos de cor, adamascados.	2\$000
Bonitas lãs de todas as côres...	\$500
Chitas muito largas, 360 e.....	\$240
Batistas e percales, 300 e.....	\$200
Carretéis com 200 jardas da melhor linha para machina.....	\$050
Cobertores de lã, encarnados....	2\$400
Meias compridas em ponto de cordão, de cor, para crianças.	\$400
Peças com 5 metros de renda de seda.....	\$200
Renda de seda preta, larga....	\$400
Rendas de todas as côres, 400 e.	\$300
Colchas com franja, 2\$500 e....	1\$800
Pentes para caspa, 200; alisar..	\$300
Tapetes finos para quarto.....	2\$000
Patetots e water-proofs de verdadeira casimira (não é feltro) 15\$ e.....	10\$000
Renda de lã com fio dourado...	\$500
Botões muito grandes, cada...	\$100
Botões para vestido, duzia....	\$120
Oxford largo, a 240 riscados a..	\$240
Lençoes fortes, 1\$600, 1\$200 e....	\$800

AOS BARATEIROS!

4 Rua do Senador Dantas 4

FABRICA PEROLA

Torrificação de cafe

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 33, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

CAMPOS

LYRICA

DE

FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas côres. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbem-segratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Julio Cezar Tavares Paes encarrege-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com aceto e optima cosinba. Esplendido terraço com caramanchões.

F. Navarro do M. Salles — encarrege-se de defezas perante o jury, Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Iubaema, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa da Sapueia.

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lençoes, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMOTOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES